

## O TRADUTOR, REBAIXADO FUNCIONÁRIO DA PALAVRA ESCRITA

### THE TRANSLATOR, A DEMOTED FUNCTIONARY OF THE WRITTEN WORD

Carina Infante do Carmo\*

Universidade do Algarve

Centro de Estudos Comparatistas, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

**ABSTRACT:** The novel by João Reis *A Noiva do Tradutor* (2015) narrates in a disorderly flow in the head of an unnamed translator, in a city without explicit reference, somewhere in the interwar period of the 20<sup>th</sup> century. He presents himself between the precarious and subaltern situation of his writing work and the mocking anger with which he observes the inhabitants and social webs of the city where he lives. It is in this condition that such a character leads us to possible parallels with well-known characters of literary modernity – Bartleby, Wakefield, Raskolnikov, the protagonist of *Hunger*, by Knut Hamsun, Gregor Samsa – but also to the legacy of several ‘tired functionaries’ of twentieth-century Portuguese literature, such as Pessoa's semi-heteronym in *The Book of Disquiet* (1982).

**KEYWORDS:** Fictional Translator, Modernist Antihero, Tired Employee (Theme), Narrator's Reliability

**RESUMO:** A novela de João Reis *A Noiva do Tradutor* (2015) faz a narração em fluxo desordenado na cabeça de um tradutor sem nome, numa cidade sem referência explícita, algures no período entreguerras do século XX. Apresenta-se ele entre a situação precária e subalterna do seu trabalho de escrita e a cólera escarninha com que observa os habitantes e as teias sociais da cidade onde vive. É nesta condição que tal personagem nos leva a paralelos possíveis com personagens bem conhecidas da modernidade literária – Bartleby, Wakefield, Raskolnikov, o protagonista da *Fome*, de Knut Hamsun, Gregor Samsa –, mas também à herança de vários ‘funcionários cansados’ da literatura portuguesa de novecentos, como o semi-heterónimo pessoano do *Livro do Desassossego* (1982).

**PALAVRAS-CHAVE:** Tradutor Ficcional, Anti-Herói Modernista, Funcionário Cansado (Tema), Fiabilidade Do Narrador

#### 1. Ficcionalizações do tradutor na literatura portuguesa contemporânea

É muito desafiante que, na contemporaneidade, as ficções que dão evidência à personagem do tradutor se tenham tornado num espaço de indagação teórica dos Estudos de Tradução e da Literatura, nomeadamente na sua dimensão comunicativa. Os artigos reunidos em volume por Klaus Kaindl e Karlheinz Spitzl (2014), assim como os estudos de Rosemary Arrojo (2018) e Denise Kripper (2023) são bastante elucidativos acerca dessa tendência ficcional nos nossos dias.

A tradução ficcionada passou a ser um dispositivo literário em que a figura marginalizada do tradutor permite questionar a soberania da figura autoral, chegando a subverter o espaço exíguo da nota-de-rodapé a que a sua expressão explícita

---

\*ccarmo@ualg.pt, ORCID: 0000-0003-0231-1243

convencionalmente se reduz.<sup>1</sup> Assim se questiona a desconfiança histórica sobre os tradutores, cristalizada no adágio *traduttore, traditore*, e, por essa via, as relações de poder inerentes às ideias de autoria e fidelidade, assim como às hierarquias sociais e culturais que determinam a produção e circulação das traduções.

Mais recentemente, a tradução, determinada no seu exercício pela fluidez cultural e espacial, pela precariedade laboral e desvalorização social, ganhou o estatuto de grande metáfora da contemporaneidade. Facilmente ela se associa, como o fez Kaindl (2014, p. 2), à experiência descentrada da modernidade a que Zygmunt Bauman (2006) chamou líquida, marcada pela mudança acelerada, por relações sociais, económicas e de produção fugazes e superficiais. Não por acaso se têm elaborado ficcionalmente a transacção económica que liga tradução e mercado e também a coexistência multilingue, no seio de um mesmo grupo social ou de um mesmo território, e os impactos de fluxos migratórios inerentes a uma globalização em regra predadora da vida social e da natureza.

A evidência contemporânea da figura e da actividade de quem traduz converge, então, com um entendimento do literário como fenómeno comunicativo, na medida em que o tradutor interfere, por força, na recepção do texto junto do público da língua de chegada.<sup>2</sup> Justamente por isso faz sentido reconhecermos afinidades entre a valorização ficcional do tradutor e princípios norteadores da Literatura-Mundo. Não é forçado assinalar essa sintonia com esta que é uma das linhas avançadas da Literatura Comparada: lembremos que ela se interessa pelas apropriações e diálogos literários, para lá das fronteiras nacionais e da ideia simplista de influência, pelas circunstâncias de recepção das obras literárias e dos bens culturais, sabendo que é assimétrica a posição de autores e textos e desigual o peso de línguas e culturas num sistema de circulação transnacional (cf. Jobim, 2017).

Se tivermos em conta a pesquisa que Maria Antónia Hörster tem dedicado à presença do tradutor na poesia, na ficção e no diário portugueses dos séculos XX e XXI, chegamos à conclusão de que, no contexto da literatura portuguesa, não há cabimento para falarmos de um *fictional turn* que tenha por centro a figura do tradutor. Num ensaio de 2011 Hörster confirma que são escassos os exemplos portugueses e que neles é constante a representação realista das condições precárias em que o tradutor exerce a sua função, reduzido a expediente de sobrevivência — como no romance *As Monstruosidades Vulgares* (1960), de José Régio —, ou de contextos especiais em que a tradução tem relevância. Assim sucede na sala de aula de uma língua estrangeira, recriada por Cristóvão

---

<sup>1</sup> Lembramos, a título de exemplo, os contos do brasileiro Moacyr Scliar (*Notas ao Pé da Página, Contos Reunidos*, 1995) ou do argentino Rodolfo Walsh (*Nota al pie, Un Kilo de Oro*, 1967), estudados por Arrojo (2018) e Kripper (2023), respectivamente.

<sup>2</sup> Não por acaso, José Saramago, também ele relevante tradutor nas décadas de 1950-1980, sublinhou, nos seus *Cadernos de Lanzarote - Diário V*, a relação entre o escritor e o tradutor como “um diálogo entre duas entidades individuais que hão-de completar-se, [e] sobretudo um encontro entre duas culturas colectivas que devem reconhecer-se” (1998, p. 53). É por ter uma compreensão destas duas figuras no quadro do circuito comunicativo da literatura que Saramago defende que “os escritores fazem as literaturas nacionais e os tradutores [,] a literatura universal” (José Saramago cited in Gómez Aguilera, 2010, p. 198).

Aguiar, no conto “Uma chamada na aula de Inglês”, recolhido na colectânea *A Descoberta e Outras Histórias* (1992).

Na fita do tempo seguida por Maria António Hörster, o marco ficcional pioneiro situa-se no romance de Maria da Graça Azambuja, *Bárbara Casanova* (1954). Aí, os constrangimentos do trabalho da jovem protagonista, em luta pela sobrevivência, não impedem que a tradução literária seja para ela um “acto verdadeiramente libertador e [...] instrumento de encontro com o mais fundo de si mesmo, habitualmente reservado à escrita dita original” (Hörster, 2011, p. 649). Deve-se esse conceito positivo da tradução ao encontro com a beleza potenciado pelos textos vertidos pela personagem, ao contrário do que sucede em *As Monstruosidades Vulgares*, em que estão em causa textos romanescos menores. Ao mesmo tempo, a obra de Maria da Graça Azambuja sinaliza ficcionalmente alguns traços positivos na evolução sócio-cultural daquele tempo português: o caminho, mesmo que comedido, de emancipação feminina e a relativa expansão do mercado editorial português, registada desde o período da II Guerra Mundial, não obstante os constrangimentos materiais e políticos impostos pela ditadura salazarista.<sup>3</sup>

Em “Tradutores e tradução na literatura portuguesa dos séculos XX e XXI”, de forma bastante sucinta, Maria António Hörster salienta, já no séc. XXI, *Boa Noite, Senhor Soares* (2008), de Mário Cláudio. No seu entender, a curiosidade da novela vem do facto de ela se vincular a um modelo literário anterior, o *Livro do Desassossego*, e a várias personagens suas, em especial Bernardo Soares. O livro parte, aliás, de um fragmento daquela espécie de diário pessoano que relata a despedida de António, o aprendiz de caixeiro do armazém de tecidos onde trabalha Soares, recriado como “tradutor comercial que é, para além disso, um grande poeta, ou melhor, [...] um grande poeta que era, para além disso, um tradutor comercial” (Hörster, 2011, p. 655). Será aquela personagem subalterna, outrora jovem, que assume a narração retrospectiva: é sob o seu olhar deslumbrado que chegamos à Baixa lisboeta dos anos 1920-1930 e ao tradutor que devia transpor expressões antiquadas ou converter medidas de comprimento, exigidas pela correspondência com firmas inglesas. Revelava-se, deste modo, ao narrador um Senhor Soares estranho, circunspecto, retraído, mas também delicado e humano, tendo-o descoberto na privacidade da sua casa e a exercer funções que implicavam, no fundo, uma posição marginal na hierarquia do escritório do patrão Vasques, na Rua dos Douradores.

É assim que Mário Cláudio nos conduz numa irresistível aproximação ao semi-heterónimo pessoano e, por interposta personagem, a Fernando Pessoa, também ele tradutor de profissão que, assegurando desse modo o sustento, podia “descolar e seguir em viagem mental para outras criações” (Hörster, 2011, p. 656). Quer isto dizer que, em

---

<sup>3</sup> Note-se que para essa expansão editorial contribuem dois factores. De um lado, o livro de bolso, em particular, da colecção *Os Livros das Três Abelhas*, fundada em 1949, por Victor Palla e José Cardoso Pires para a editorial Gleba e, depois, para as Publicações Europa-América, com inegável projecção nas décadas de 1950 e 1960. Do outro, as antologias e colecções de autores estrangeiros contemporâneos (não raro, de narrativa breve e/ou autobiográfica) em que, desde inícios da década de 1940, se destacaram editoras como a Portugália ou a Livraria Tavares Martins e personalidades como Fernanda de Castro, João Gaspar Simões, Cabral do Nascimento ou Manuela Porto, no papel de tradutores ou prefaciadores.

*Boa Noite, Senhor Soares*, não interessam tanto a tradução (comercial, neste caso) e os requisitos inerentes à transposição linguístico-cultural, mas sim a reinvenção da atmosfera social e emocional do protagonista e enunciador do *Livro do Desassossego*, que exerce uma actividade baça e rotineira, em contraste radical com a potência transfiguradora da poesia, cultivada nas horas vagas.

## **2. O caso de *A Noiva do Tradutor* de João Reis**

A vida dissonante e rebaixada, própria dos heróis modernistas, encontramos-a igualmente reinventada num romance mais recente, não assinalado nos estudos de Maria António Hörster: *A Noiva do Tradutor*, de João Reis. Publicado em 2015 pela Companhia das Ilhas, uma pequena editora sediada no arquipélago dos Açores, este romance de estreia do seu autor, tradutor freelancer de línguas nórdicas e inglês para português, ganhou alguma projecção em Portugal, ao ser reeditado, em 3ª. ed., pela Elsinore (uma das chancelas da Penguin Random House Grupo Editorial), em 2019, ano em que é traduzido pelo próprio João Reis para uma edição nos EUA, a que se segue a edição brasileira, no ano seguinte. Em 2021, o livro foi também publicado na Geórgia e na Sérvia.

*A Noiva do Tradutor* faz a narração em fluxo desordenado na cabeça de um tradutor sem nome, algures no período entre guerras do século XX e numa cidade sem referência explícita (que pode bem ser Lisboa), onde chove sem cessar. O protagonista apresenta-se entre o complexo de inferioridade com que vê o seu trabalho de escrita e a cólera escarninha com que observa os habitantes e as teias sociais da cidade e do universo cultural por onde transita. A enunciação narrativa transcreve a torrencialidade relativa do seu pensamento, na primeira pessoa, em frases longas, vertiginosas, corais em certas passagens. Com elas presentifica derivas no espaço e no pensamento, ao mesmo tempo que introverte toda a representação da realidade circundante. Reproduzimos um excerto do capítulo II em que o narrador se encontra num mísero e soturno quarto alugado, onde trabalha horas a fio:

[...] trabalho à luz da vela, no inverno, esforço os olhos no meu quatinho bafiento e escuro, não há respeito pelo trabalho de um homem, não, traduzir não é trabalho de pessoa séria, afinal, porque é que me pagam para escrever uns gatafunhos, verter na nossa nobre língua cartas comerciais, faturas, obras literárias do maior calibre, deixe-se disso, homem, pegue numa enxada, faça-se doutor das artes médicas, já não precisaria de dormir neste quarto infeto, alugado pela senhora Lucrecia, viúva que parasita os pobres inquilinos, falando-se no diabo, lá vem ela a descer as escadas, a megera parece um elefante, um rinoceronte [...] (Reis, 2019, p. 19)

Vive, portanto, um quotidiano marginal e precário, feito de privações, de frio e do sacrifício de traduzir para a sua língua textos que na maioria acha medíocres, em horários desregulados, com prazos absurdos e honorários parcos e pagos a desoras. Atormenta-o a repugnância que sente por mulheres e homens com quem tem de conviver e que desenha com o traço grosso e ressentido do grotesco. Transita numa paisagem urbana (por ordem, no eléctrico, na pensão, no banco, na cartomante, nos editores, no café, no cais) onde

sobressaem as figuras humanas. Avalia-as como observador hipersensível, desconectado e implacável, enquanto, a todo o custo, tenta dissimular a discrepância que vive entre os seus actos e os seus pensamentos.

Tem de sujeitar-se à lógica perversa do mundo editorial, feito de idiotas bem-sucedidos, compadrios e promiscuidades com a crítica literária e onde imperam editores que, na sua caricatura, nada deixam a desejar a figuras fáusticas.<sup>4</sup> Em todo o caso, se este *eu* se autodeprecia, “não passo de um mero tradutor na escuridão” (Reis, 2019, p. 38), e se se sente vítima do desprezo social pela função que desempenha, vendo-se no fundo da escala da engrenagem, ao lado do tipógrafo e da mulher da limpeza, se, em suma, se mostra “afundado em papéis” (Reis, 2019, p. 25), é neles e na tarefa ingrata de traduzir que encontra o único traço definidor da sua identidade. Atormentado inclusive pelas palavras com que trabalha e de cujo significado continuamente se esquece, o próprio o admite: “[...] as possibilidades eram tantas na minha juventude, poderia ser tudo, acabei no nada, sim, sou tradutor, sou aquilo que faço e não sou ninguém, sou um nome numa folha de papel [...]” (Reis, 2019, p. 94).

Trata-se, sem dúvida, de um misantropo, adoentado e hipocondríaco, obcecado pela partida, num navio para destino incógnito, da noiva que idealiza. À imagem de Helena de Tróia, ela é um ideal de beleza e perfeição e o seu afastamento leva ao falhanço do protagonista. A evocação da partida da noiva é, por isso, um dos *leitmotive* do romance, chamado para título e constante até ao epílogo em que assomam a loucura e/ou o provável suicídio do tradutor, quando procura juntar-se à noiva e se prepara, no cais, para “nadar e percorrer todo o azul profundo do mar” (Reis, 2019, p. 120).

A este propósito, Marta Pacheco Pinto aventa a hipótese de um desenlace redentor em que a água é o destino final do protagonista, até então atingido pela inabilidade emocional face à perda amorosa, à estrutura económica que enquadra a sua actividade e à estreiteza mental que o rodeia: “the baptismal waters [...] would endow the baptized individual with an identity” (Pinto, 2022, p. 250). Ao não referir explicitamente que a novela em estudo coloca o problema da fiabilidade do narrador, esta leitura de base comparatista e assente numa *close reading* é, nosso ver, demasiado assertiva quanto à possibilidade de um desfecho positivo da novela de João Reis. Vejamos porquê.

Na óptica da ensaísta, o corpus estudado (em que constam também um conto e um romance de duas autoras japonesas, Yoko Tawada e Yoko Ogawa, já estudados por Rosemary Arrojo (2018) tem em comum um epílogo semelhante para as personagens tradutoras, todas elas anónimas e excluídas na e da sociedade. Ao lançarem-se à água, encontram, no fim do relato, a resolução do conflito entre arte e ética e um escape à sua “inability to cope with the responsibility of translation and/or the in/visibility it entails” (Pinto, 2022, p. 266), na sociedade e na história. Nessa linha, o tradutor de João Reis

---

<sup>4</sup> Sem fazer uma conexão biografista entre os planos textual e do autor empírico, é interessante assinalar que, numa entrevista à Agência Lusa, em 2022, o romancista João Reis tenha expressado uma posição muito crítica sobre o universo literário português, acusando-o de nepotismo, favorecimento dos ‘mesmos de sempre’ e falta de reconhecimento do seu trabalho junto dos pares.

acabaria a rejeitar a condição de ser neutral, que lhe é eticamente exigida pelo exercício da sua profissão: “the non-explicit drowning appeases the translator’s restlessness and puts an end to his hectic life and sorrow as both a failed man and a failed translator” (Pinto, 2022, p. 266). Ora, para todos os efeitos, ao longo da trama, a tensão narrativa vai sendo manejada de modo a revelar um crescendo de alienação de que o protagonista-narrador sofre, perseguido por visões e odores e cada vez mais convencido de que está a enlouquecer. E, sendo assim, o lance derradeiro é suficientemente indefinido, em aberto e eufemístico, para não descartar a hipótese trágica do suicídio e para poder asseverar com clareza a redenção da personagem.

### 3. Comunicações com a linhagem modernista do funcionário cansado

Como se lê na recensão da edição brasileira de *A Noiva do Tradutor*, na *Folha de S. Paulo*, a “literatura moderna está cheia de personagens como esta vagando sem nome, arrogante e humilhado rebaixado funcionário da palavra escrita sujeito ao poder dos outros” (Erber, 2021, s.p). Laura Erber concretiza esta apreciação, quando se refere ao diálogo hipertextual do romance em presença com a tradição literária moderna. Fala, inclusive, de uma relação “intensa” e “vertiginosa” (2021, s.p) da obra com o escritor norueguês Knut Hamsun,<sup>5</sup> a ponto de poder ser uma sua versão contemporânea e daí resultar “um livro antiquadamente moderno ou modernamente antigo” (Erber, 2021, s.p).

Faz muito sentido seguir esta pista de leitura e desde logo, como defende aquela crítica brasileira, ter por referência *Fome* (1890), o primeiro livro de Hamsun, que viria a ganhar o Nobel da Literatura trinta anos depois, em 1920. O seu protagonista não tem nome, casa ou trabalho, e vai para a cidade, aparentemente, para se tornar escritor. Quase chega a enlouquecer (ou enlouquece, não se sabe ao certo): deambula perdido nas ruas de Kristiania (hoje Oslo), enregelado de frio, tolhido pela fome e pela apoquentação constante de ter de pagar a renda do quarto e garantir a refeição seguinte. Desenhado sob a forma crua de monólogo interior que revela as variações de humor e momentos de delírio da personagem, *Fome* não abre espaço para a denúncia social. Parece haver até intenção de o protagonista-aspirante às letras se expor aos limites da sua resistência. Procura, em contrapartida, dar relevo à “distorsion et [...] la fragmentation de la cohérence de la ville dans la linéarité du récit, permettant de dessiner analogiquement dans le discours narratif les détours de l’errance urbaine” (Galand, 2007).

É nessa compreensão alargada da tradição moderna/ista (de que *Fome* é um meridiano) que faz sentido pensar o romance de João Reis: a configuração da sua personagem de tradutor, as formas de introversão de um real desumano e instável, a fiabilidade do narrador e a figuração do (mental e socialmente) alienado, cindido entre a aparência cumpridora da rotina apagada e triturante e o devaneio onírico, a regressão a um estádio como que primitivo e a busca de ser outro.

---

<sup>5</sup> De notar que João Reis já traduziu Knut Hamsun. A saber: *Mistérios*, em 2013, *Os Frutos da Terra*, em 2016, e *Sob a Estrela do Outono* (2023), todos para a editora Cavalo de Ferro (Lisboa).

Cabe aqui ver o tipo do homem comum e urbano, do empregado de escritório, executor de tarefas estereotipadas, maquinais e rotineiras, identificável desde o século XIX, entre os funcionários públicos de Gogol (*Contos de Petersburgo*, 1842), Dostoievski (*Memórias do Subterrâneo*, 1864), ou Melville (*Bartleby, o Escriturário*, 1854) e que o marco modernista fez proliferar; pensemos, antes de mais, em Kafka e a sua *Metamorfose* (1915). A deriva sem regresso do tradutor de *A Noiva do Tradutor* leva-nos à herança de escrivãos, guarda-livros, revisores e tradutores, vários deles também presentes na literatura portuguesa de novecentos, que vão de Bernardo Soares, no *Livro do Desassossego* (1982), até ao revisor em *História do Cerco de Lisboa* (1989), de José Saramago. Pelo meio salientam-se o alienado escriturário de *Páscoa Feliz* (1932), de José Rodrigues Miguéis, ou o funcionário cansado que dá título a um poema de António Ramos Rosa, incluído em *Viagem Através de uma Nebulosa* (1960) – aí se formula excelentes variações de uma figura obscura e mediana que, à noite, liberta os sonhos reprimidos e a arte da escrita.<sup>6</sup>

Não esqueçamos que João Reis se escusa a pensar-se no quadro da tradição literária portuguesa. Assim se explica a esse propósito:

Sou português e, como tal, serei sempre um escritor português. Mas, embora não renegue a tradição literária portuguesa, nem me afirme superior a ela, não me revejo em termos de influências nessa mesma tradição. Nem em estilo, nem em temas. Sou um escritor europeu, acima de tudo. Revejo-me no *continuum* da tradição literária europeia, tanto moderna como pós-moderna (Reis, 2021, s.p).

Verdade seja dita, o tema do funcionário cansado ganha em ser considerado no plano trans-nacional da modernidade literária ocidental, com notória incidência no período modernista. A vulgaridade humana é central para a ficção desse período literário, em detrimento relativo da composição heróica dos românticos. Na avaliação que faz ao romantismo europeu, Lilian Furst (1979, p. 53) precisou justamente que esta última se situava na posição intermédia entre o comprometimento do herói tradicional (com o *ethos* do dever) e o anti-heroísmo das figuras modernistas. Claro que o estágio romântico compreendia já a tensão interior e a disrupção do sujeito com a sociedade, o valor supremo do *ethos* do sentimento e do belo, assim como uma aguda auto-consciência de si. A diferença da fase modernista situa-se, entretanto, no relevo conferido ao anti-heroísmo, diverso do da tradição picaresca, por implicar a corrosão auto-irónica, a vulgaridade monótona, com que se fragiliza ainda mais o perfil das personagens medianas na relação consigo mesmas e com o mundo.

Não admira, por isso, que as palavras do protagonista de *A Noiva do Tradutor* não andem longe da descompensação entre a auto-imagem engrandecida pela referência mitológica de Sísifo e a condenação ao destino medíocre de um injustiçado:

---

<sup>6</sup> Sobre a linhagem do funcionário cansado na poesia portuguesa novecentista, cf. Rocha, 2008.

[...] sou perturbado por tanta estupidez, coisas inúteis, é de bradar aos céus, um suplício, nasci na época errada ou poderia ter sido uma figura da mitologia grega, um deus caído em desgraça, o salvador da humanidade condenado a sofrer eternamente diante do absurdo, uma gigantesca pedra que empurro, carrego às costas, tudo em mim quer explodir, estremeço de frio, a água escorreu-me pelo pescoço, o chapéu no elétrico, sabe-se lá onde estará agora, terei de o averiguar (Reis, 2019, p. 21).

Para o tradutor, a sua profissão é ela própria um sinal depreciativo: “[...] sou um mero tradutor, não o defensor da justiça humana, não sou o seu campeão, puxam-me para baixo e nado no lodo” (Reis, 2019, p. 109). Nem tão-pouco é compensada pelo escape da reflexão filosófica ou pelo fulgor da criação poética, à imagem do que sucede no *Livro do Desassossego*.

No caso do diário ficcional pessoano, declara-se a sonhada heroicidade romântica oposta à mesquinhez do escritório onde trabalha o seu anti-herói e da cidade por onde deambula, melancólico e abúlico. Declara-se, sem rodeios, a perda da referência romântica do homem fatal que “existe nos sonhos próprios de todos os homens vulgares” (Pessoa, 1998, p. 87) para, logo a seguir, vir a confirmar o seguinte: “não consigo visionar-me nesses papéis de píncaro senão com uma gargalhada do outro eu que tenho sempre próximo como uma rua da Baixa” (p. 87). A escrita é, nesse sentido, um refúgio incorpóreo que o submerge e lhe desvia da atenção de cenários humanos ou atmosféricos da cidade. Resta-lhe ser o passante anónimo e indistinto que cumpre deveres funcionais e só vive a sério no íntimo e pela escrita, alheado dos outros. Em contraste, para o tradutor de *A Noiva do Tradutor* não há o refúgio da invenção artística, indissociável também do protagonista de *Fome*. A sua posição socialmente desclassificada passa inclusive pela relação ressentida com as esferas eruditas da sociedade, diluídas no meio de um mar de analfabetos: “uns são intelectuais demais, os outros, analfabetos, não há meio-termo, asfixio aqui” (Reis, 2019, p. 58).

#### 4. Conclusão

A afinidade modernista de *A Noiva do Tradutor* conduz-me, de novo, à sua justa qualificação como “livro antiquadamente moderno ou modernamente antigo” (Erber, 2021, s.p). Não será rigoroso vê-lo como fruto epigonal, mas, antes, como algo parecido com um pastiche deliberado, no desenho da personagem e na enunciação narrativa. Aliás, a consistência do romance advém em grande medida do facto de a sua composição implicar a leitura de outros textos com os quais estabelece uma ligação hipertextual: não apenas, como vimos, com um texto em particular, mas com o filão romanescos, uma tradição genológica intensamente revolucionada no período modernista. Importa não esquecer que

[...] modernism stands most prominently as the largest debt, at once providing a rich archive to navigate and also clearly underscoring the reflexive sense of textuality linking modernism with contemporary fiction. Whether through explicit or implicit rejection, self-conscious

reclamation, or complex and ambivalent negotiation, modernism is the most significant prior period to which contemporary fiction relates itself (Trimm, 2018, s.p).

No fundo, em tempos que parecem moderar a evidência do chamado pós-modernismo, é face a uma renovada valorização do modernismo (quer como objecto de pesquisa e ensaio quer como objecto de recriação estilística, em exercícios de escrita criativa) que se intensifica uma espécie de mano-a-mano anacrónico de tempos romanescos. Com ele se reelabora parte da contemporaneidade literária e dentro dela, seguramente, um livro como *A Noiva do Tradutor* e o seu protagonista.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Agência Lusa (2022) 'João Reis acusa meio literário português de nepotismo e favorecer sempre os mesmos', *Diário de Notícias Madeira*, 4 maio. Disponível em: <https://www.dnoticias.pt/2022/5/4/309448-joao-reis-acusa-meio-literario-portugues-de-nepotismo-e-favorecer-sempre-os-mesmos/> (Acesso: 28 dezembro 2025)
- Arrojo, R. (2018) *Fictional translators: Rethinking translation through literature*. London/New York: Routledge.
- Bauman, Z. (2006) *Liquid modernity*. Cambridge: Polity.
- Erber, L. (2021) 'A Noiva do Tradutor dá de ombros à busca tão comum pela atualidade', *Folha de S. Paulo*, 8 janeiro. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/01/a-noiva-do-tradutor-da-de-ombros-a-busca-tao-comum-pela-atualidade.shtml> (Acesso: 28 dezembro 2025)
- Furst, L. (1979) *The contours of European romanticism*. Lincoln: University of Nebraska Press.
- Galand, D. (2007) 'Corps vidé, esprit errant: Faim, de Knut Hamsun' em Bouloumié, A. (ed.) *Errance et marginalité dans la littérature*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, pp. 201–215. Disponível em: <https://books.openedition.org/pur/12065?lang=en> (Acesso: 28 dezembro 2025)
- Gómez Aguilera, F. (ed.) (2010) *José Saramago nas suas palavras*. Lisboa: Caminho.
- Hörster, M. A. (2011) 'Tradutores e tradução na literatura portuguesa dos séculos XX e XXI' em Mingocho, M. T. et al. (eds.) *Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Manuela Gouveia Delille*, vol. I. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra / Centro de Investigação em Estudos Germanísticos / Minerva, pp. 643–658.
- Jobim, J. L. (2017) 'Introdução: para uma nova perspectiva no estudo da circulação literária e cultural' em Jobim, J. L. (ed.) *A circulação literária e cultural*. Bern et al.: Peter Lang, pp. 1–8.
- Kaindl, K. (2014) 'Going fictional! Translators and interpreters in literature and film' em Kaindl, K. and Spitzl, K. (eds.) *Transfiction: Research into the realities of translation fiction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 1–26.
- Kaindl, K. and Spitzl, K. (eds.) (2014) *Transfiction: Research into the realities of translation fiction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Kripper, D. (2023) *Narratives of mistranslation: Fictional translators in Latin American literature*. New York: Routledge.
- Pessoa, F. (1998 [1982]) *Livro do Desassossego, composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa*, editado por R. Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim.

Carmo, C. I. - O tradutor, rebaixado funcionário da palavra escrita  
*Translation Matters*, 7(2), 2025, pp. 164-173, DOI: [https://doi.org/10.21747/21844585/tm7\\_2sp5](https://doi.org/10.21747/21844585/tm7_2sp5)

- Pinto, M. P. (2022) 'When the translator ends up in the water: A case study of three fictional finales', *Dedalus*, 26. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/55275> (Acesso: 28 dezembro 2025).
- Reis, J. (2019 [2015]) *A noiva do tradutor*. 3.ª edn. Amadora: Elsinore.
- Reis, J. (2021) 'Entrevista ao Observatório Almedina', 12 abril. Disponível em: <https://observatorio.almedina.net/index.php/2021/04/12/entrevista-a-joao-reis/> (Acesso: 28 dezembro 2025).
- Rocha, C. (2008) 'Poetas e funcionários', *Diacrítica*, 22(3), pp. 211–220. Disponível em: [http://cehum.ilch.uminho.pt/cehum/static/publications/diacritica\\_pdf\\_22\\_3.pdf](http://cehum.ilch.uminho.pt/cehum/static/publications/diacritica_pdf_22_3.pdf) (Acesso: 28 dezembro 2025).
- Saramago, J. (1998) *Cadernos de Lanzarote – diário V*. Lisboa: Caminho.
- Trimm, R. (2018) 'Contemporary fiction and modernism' em *Oxford Research Encyclopedia of Literature*. Oxford: Oxford University Press. Disponível em: <https://oxfordre.com/literature/display/10.1093/acrefore/9780190201098.001.0001/acrefore-9780190201098-e-186> (Acesso: 28 dezembro 2025).

**Sobre a autora:** Carina Infante do Carmo é Professora Associada da Universidade do Algarve. Membro do Centro de Estudos Comparatistas (Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa). Tem publicado artigos em revistas nacionais e internacionais e livros de ensaio sobre autores novecentistas, o movimento neo-realista e a escrita autobiográfica, em particular sobre o género crónica.